

CARTA PEDAGÓGICA DIRIGIDA A PAULO FREIRE: reinvenção pedagógica em tempos de ensino remoto emergencial

Simone Braz Ferreira Gontijo¹

Juliana Parente Matias²

Brasília, 13 de novembro de 2021.

Querido Professor Paulo Freire,

Uma vez você disse que gostaria de ser lembrado “como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.” E no ano do seu centenário posso afirmar que celebramos esse amor. Um amor que pode ser sentido quando lemos sua obra, lemos sobre sua vida ou assistimos às gravações que você nos deixou. É um amor que nos emociona e nos dá um “esperançar” para seguirmos determinados a criar o nosso inédito-viável.

Foi pelo envolvimento nesse universo de possibilidades – não como uma quimera, mas uma realidade possível - que colocamos em movimento o estudo da sua obra com licenciandos, professores, técnicos, professores, egressos e comunidade. Nosso desafio era ser coerente com seus ensinamentos e materializar, no campo metodológico, o que seria estudado. Isso quer dizer, não só estudar a educação libertadora, mas vivenciar seus princípios trazendo a rigorosidade do pensamento de maneira dialógica e de uma forma que todos pudessem não só ler/ ouvir falar, mas praticar essa aprendizagem.

Em Pedagogia da Autonomia você nos adverte que

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo, pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (FREIRE, 2020, p.35).

A partir da leitura do mundo e do contexto educacional em que estávamos inseridas, surgiu a urgência de repensar nossas práticas pedagógicas e adaptá-las para o formato de ensino remoto, pois com as medidas de distância impostas pela pandemia do Covid-19 não poderíamos estar presencialmente juntos. Diante do cenário que o mundo nos apresentava, sentíamos que era necessária uma

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (1994), Especialização em Política e Estratégia (ADESG/UnB), Administração da educação (UnB), Educação a Distância (UnB), Mestrado (2001) e Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília (2014). Professora do Instituto Federal de Brasília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8245-3841>

² Mestra em Educação pelo Instituto Politécnico de Santarém, Portugal. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Curso de Letras Espanhol do Instituto Federal de Brasília Campus Ceilândia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5058-4567>

metodologia que nos aproximasse dos estudantes e permitisse uma proposta educacional dialógica e participativa, a qual denominamos de puxa-conversa.

Como norteadores dessa metodologia elegemos os princípios da aprendizagem dialógica, presentes na obra *Pedagogia da Autonomia* e nominados por Aubert (2008) como igualdade de diferenças, diálogo igualitário, inteligência cultural, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e transformação.

Na igualdade de diferenças, partimos do seu questionamento: “Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2011, p.32). Assim, nosso objetivo era respeitar os saberes que o grupo trazia para o contexto da sala de aula e das discussões. Vale ressaltar que os 34 licenciandos participantes do puxa-conversa estavam chegando à instituição, construindo seu pertencimento ao curso de graduação, à instituição e ao magistério a partir de aulas em suas próprias residências, impostas pela pandemia de Covid-19. Então era fundamental valorizar os saberes construídos e vivenciados ao longo de suas trajetórias escolares e sociais. Da mesma forma, os demais participantes viviam uma experiência inédita, única, advinda do contexto pandêmico. Apesar das diferenças, todos estávamos vivendo um mesmo momento.

Na proposta Freireana a dialogicidade é uma das categorias basilares, pois “é através do diálogo que podemos olhar o mundo e entender a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação” (ZITKOSKI, 2010, p. 117).

Assim, o diálogo igualitário apresentou-se como um dos princípios fundamentais e a cada encontro foi possível que os participantes tivessem espaço de fala, direito à voz. Independente do papel desempenhado, eram diferentes pessoas dialogando e validando suas ideias em função dos argumentos.

A inteligência cultural também foi expressa no puxa-conversa. A habilidade comunicativa fomentada, partiu da ideia de que todos somos capazes de trazer contribuições ao diálogo por meio da argumentação, visto que a capacidade de aprender é uma característica própria do ser humano.

É nessa amálgama de experiências que a criação de sentido se produz, pois à medida que os participantes do puxa-conversa se percebem como sujeitos de possibilidades, passam a identificar a educação como um processo que permite a criação de dimensões e sentidos de suas demandas pessoais e sociais.

A solidariedade foi um princípio presente e necessário em todos os momentos do puxa-conversa. Por meio do seu fomento foi possível tornar o ambiente virtual favorável para um processo educativo democrático. Pensar em uma atividade que exige essa abertura nos permitiu desenvolver a empatia e querer-bem entre os participantes.

Na dimensão instrumental retomamos a ideia presente na rigorosidade metódica que “não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2020, p. 28). Assim, foi fundamental a leitura da palavra como qualificador da discussão no puxa-conversa. Foi a partir dela que

entendemos a “inteligência do texto”, abrindo caminho nas reflexões acerca dos encontros entre as experiências vividas na escola e nossa constituição como docentes. Foi no diálogo entre seus escritos e nossas vivências de mundo, nossos diferentes pontos de vista, que nos inteiramos como grupo.

Em “Educação na cidade”, você já nos dizia, Paulo, que “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58).

Assim, a transformação ocorreu nos diálogos estabelecidos no puxa-conversa, na ressignificação das vivências escolares que nos ajudaram a pensar o lugar do professor e a refletir sobre o porquê de não nos autointitularmos “tias”, uma tomada de consciência das lutas que nos movem como grupo comprometido com a educação libertadora.

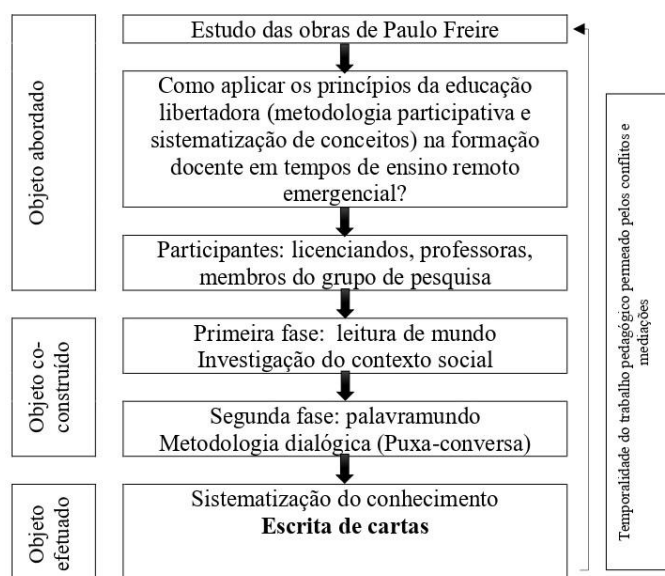
Aos poucos fomos percebendo que esses princípios estavam conectados ao nosso sonho e essa realidade possível foi se tornando concreta. A cada encontro entendíamos que o sonho-realidade consiste em um movimento de transformação, no qual o “sonhar não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquitetura, significa conjecturar sobre o amanhã” (FREIRE, 2004 p. 293). Esse sonho se apresentava como uma nova forma de aprender, que possibilitou transformar a visão que temos de nós mesmos, do conhecimento e da própria vida.

Esse movimento nos aproximou da pesquisa-ação como forma de conhecer e repensar nossas práticas. Você nos ensina que, por meio da pesquisa, “intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2020, p.31).

Nessa empreitada selecionamos como instrumentos a escuta sensível e a observação sistemática das aulas e de encontros de leitura de suas obras. Junto com os licenciandos e os participantes do ciclo de leituras partimos do princípio que “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda” (FREIRE, 2020, p.114).

A Figura 1, elaborada a partir da obra de Barbier (2002) apresenta um breve esquema de como a pesquisa-ação foi organizada:

Figura 1 - Pesquisa-ação



Fonte: Elaborado pelas autoras

A pesquisa nos instigou ao processo de escrita, como você mesmo nos desafia ao estabelecer uma íntima relação entre pensar, ler e escrever. Fomos estimulados a escrever compartilhando nossa “vista da janela”, nosso momento histórico, nossas inquietações. Era o seu centenário e tínhamos muito a contar e agradecer!

Uma vez você disse ao Ricardo Kotscho que:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que ‘ler o mundo’ e ‘ler a palavra’ se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E ‘ler o mundo’ e ‘ler a palavra’, no fundo, para mim, implicam ‘reescrever’ o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo, no mundo (FREIRE; BETTO, 2001, p.15).

Guardamos esse ensinamento, Paulo. Buscamos esse movimento em nossos encontros com os estudantes e com os outros colegas de leitura freireana. Essa é a reescrita que queremos! Ler o mundo, ler a palavra, fomentar a transformação!

Você nos deixou um legado de várias cartas destinadas a professores. Então escrevemos cartas a você. Cartas em forma de poema, de poesia, de canções... Cartas. Para a escrita das cartas foi elaborado um roteiro que previu que cada um, a partir do seu lugar de fala, registrasse como se via e se sentia em relação ao contexto da pandemia do Covid-19. Como estavam se relacionando com os familiares, com os afazeres cotidianos, o trabalho, e a educação. Foram momentos sombrios, Paulo. Muitas perdas de familiares, amigos, trabalho, autoestima... Ler o mundo naquele contexto histórico era desafiador e esperar era necessário.

Ler cada carta produzida naquele momento foi uma experiência sensível e transformadora. Entrar em contato com as realidades nos emocionou e nos fez

querer compartilhar com outros aquela delicadeza. Por meio da leitura identificamos que os principais temas tratados nas cartas foram o esperar, o inédito-viável, a solidariedade e o sofrimento. Foi a partir deles que os autores apresentaram sua compreensão da realidade cotidiana; as situações-limite pelas quais estavam passando; as formas de enfrentamento dessas situações; as possibilidades de mudança dessa realidade.

Mas não foi só isso, Paulo. Todos queríamos deixar um presente para você em reconhecimento e agradecimento pelo seu trabalho. Lembranças de sua importância como ser humano digno e coerência com as lutas das gentes. Foi assim que nossas atividades extrapolaram as “janelas” virtuais e ganharam as páginas de um livro. Compartilhando mensagens de esperança de reencontros, de luta e sobretudo de esperar.

Deixamos para você a leitura de “De todos nós, cartas a Paulo Freire”. Ela é a culminância de um movimento pedagógico de leitura do mundo e da palavra, mas é também uma obra de resistência ao tempo vivido. É o fazer história e não só vivê-la como algo definidor do tempo, pois entendemos o espaço pedagógico como você nos apresentou - “um texto para ser constantemente ‘lido’, interpretado, ‘escrito’ e ‘reescrito” (FREIRE, 2020).

Com amorosidade,

Simone Braz Ferreira Gontijo
Professora IFB - Campus Ceilândia

Juliana Parente Matias
Professora IFB - Campus Ceilândia

REFERÊNCIAS

- AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C.; FLECHA, R.; RACIONERO, S. Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia, 2008.
- BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. Essa escola chamada Vida. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 9. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FREIRE, Paulo. Meu sonho é o sonho da liberdade. In: FREIRE, Ana Maria (Org). Pedagogia da tolerância. São Paulo: UNESP, 2004. (Série Paulo Freire);

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. 63ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ZITKOSKI, Jaime José. Dialogicidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed., ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.